

Apresentação

É com imenso prazer que o Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas traz ao público mais um número da Revista *Scripta* vinculado à área de Lingüística e Língua Portuguesa.

Diferentemente dos dois números anteriores – 9 e 11 –, que, de cunho temático, privilegiaram, respectivamente, análises de fatos da língua portuguesa sob uma perspectiva funcionalista e estudos de práticas orais e escritas de produção de textos, este, de n. 16, contém artigos de caráter diferenciado, que, teóricos ou não, se distribuem em, pelo menos, quatro grandes linhas de pesquisa: uma primeira, mais voltada para a organização do sistema lingüístico em si, uma segunda, para o processamento do discurso, do texto, da referenciação e do ato interacional, uma terceira, para a prática pedagógica e, por fim, uma quarta, comprometida com questões relativas à variação e mudança lingüísticas.

A essa primeira parte, seguem-se outras três, com trabalhos de natureza específica, que têm, respectivamente, os seguintes objetivos: questionar a propriedade do caminho e solução analítica advogados por determinadas correntes teóricas; resgatar a memória de um profissional do ensino de Língua Portuguesa, cujas lições merecem ser conhecidas pelos estudantes que não tiveram a oportunidade de tê-lo como professor; apresentar, por meio de resenha crítica, o conteúdo de uma coletânea de textos, que buscam mostrar as inter-relações entre “língua”, “cidadania” e “ensino”.

Detalhando um pouco mais esse quadro, contamos, na parte inicial, destinada aos “Artigos”, com os seguintes conjuntos de artigos:

- a) dois, que se enquadram no primeiro tipo de linha de pesquisa acima referido, mais comprometida com problemas da língua em si. O primeiro, de Mário A. Perini, tem, como propósito, demonstrar a improcedência da identificação, na língua portuguesa, de uma diátese média (ou voz média, segundo terminologia tradicional), paralelamente à ativa e passiva, conforme

postulado por alguns estudiosos; o segundo, de autoria de Hugo Mari, procura avaliar, com base na “composicionalidade lexical”, a pertinência de alguns critérios para o reconhecimento de dois tipos de relações lexicais: a polissemia e a homonímia;

- b) sete, que se propõem examinar fatos próprios aos planos discursivo e textual, ou aos processos referencial e interacional. Um deles, de Maria Ângela Paulino Teixeira Lopes, contém uma análise dos processos de referenciação peculiares ao gênero “crônica”, análise essa empreendida a partir do estudo dos modos de construção de contextos; outro, de Jane Quintiliano Guimarães Silva e Maria de Lourdes Meirelles Matencio, retomando categorias utilizadas na literatura corrente e buscando mostrar a relação do sujeito com o seu “dizer”, com o seu “dito”, e até mesmo com o “dizer” do outro, nos fornece indícios da existência de uma zona de imbricação entre posicionamento do sujeito e construção de sentido; também interessado nesse tipo de relação, o trabalho de Maria Regina de Carvalho Caseiro Oliveira visa a comprovar que o processo de modalização discursiva não se restringe ao enunciado, conforme preconizado por certos analistas do discurso, mas se estende ao *dicere*, ao “modo de dizer”, ou seja, ao discurso em si; voltado, da mesma forma que os dois anteriores, para essa questão, o de Daniella Lopes Dias tem como objeto de estudo o “dizer do outro”, tal como expresso no “discurso citado” recolhido de textos que circulam entre alunos e professores dos Cursos de Letras e Comunicação Social, de instituições universitárias de Belo Horizonte e, como objetivo, detectar e analisar as estratégias de textualização utilizadas mais comumente em sua produção; alicerçado numa linha de abordagem sociointeracionista, o texto de Juliana Alves Assis apresenta uma análise de dois procedimentos peculiares ao gênero textual e-mail: o preenchimento da “linha de assunto” e as reproduções diafônicas, isto é, a “colagem” de trechos do *e-mail*, ou de todo ele, no corpo do texto-resposta escrito por seu destinatário; finalmente, o sétimo artigo desse bloco, de autoria de Sueli Maria Coelho, busca, a partir do exame de uma das falas do marciano invisível Arc, personagem da Revista *Veja*, demonstrar a possibilidade de ocorrência de metafunções da linguagem (vistas como recursos atuantes na tessitura dos textos) na modalidade oral, comprovando, assim, que esta, tal como a língua escrita, não só é planejada, como normatizada, coerente e pródiga em recursos de coesão;
- c) dois, que, levando em conta aspectos lingüísticos, se distinguem dos anteriores por seu comprometimento especial com o processo de ensino-aprendizagem do português. O primeiro deles – que serve para coligar este terceiro bloco ao anterior –, apresentado por Maria Beatriz Nascimento De-

cat, procura discutir alguns aspectos dos conceitos de gramática e de uso, com vistas a redimensionar o ensino de matéria gramatical, fazendo dele um dos instrumentos capazes de contribuir de um modo realmente efetivo para o aprimoramento da produção e recepção textuais; o segundo, da lavra de Lusinete Vasconcelos de Souza, partindo de uma experiência feita com alunos de terceira série do Ensino Fundamental, busca provar que a leitura de textos expositivos é uma atividade que tem condições de contribuir tanto para o desenvolvimento da compreensão ativa do leitor quanto para a instituição do discente como escritor;

d) quatro, que se acham mais envolvidos com questões relativas à variação e mudança lingüísticas. O primeiro – espécie de ponte entre este quarto tipo de textos e o anterior – tem, como autora, Vanda de Oliveira Bittencourt, que mostra o modo como Helena Morley (pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant) se apropria e se defende da voz da autoridade milenar, tal como codificada nos provérbios que incorpora ao discurso memorialístico que constrói em seu diário, **Minha vida de menina**; o segundo, de natureza mais teórica, nos vem do sociolingüista Marco Antônio de Oliveira, que, levando em conta a falta de correspondência estrutural perfeita entre enunciados da língua oral e da língua escrita, nos alerta para as restrições que devemos fazer aos dados de língua escrita, na descrição de estágios anteriores das línguas, bem como na detecção de mudanças ocorridas no interstício entre eles e a fase atual; o terceiro, voltado para o falar mineiro, apresenta os primeiros resultados da pesquisa que Carolina Antunes vem fazendo no Vale do Jequitinhonha, com vistas a comprovar, através da identificação de camadas lexicais cronologicamente distintas, o hibridismo cultural lexical vigente nesse dialeto rural do Norte de Minas Gerais; o quarto trabalho, que, não só encerra esse subconjunto de textos como toda a primeira parte da revista, nos é oferecido por Ana Maria Nápoles Villela, que, apresentando uma revisão crítica de diferentes estudos acerca da origem e da caminhada evolutiva dos sinais de pontuação em nossa língua; traz novos dados para a historiografia da escrita portuguesa, além de nos mostrar a sua atuação no processamento do discurso, já que contribuem, dentre outras coisas, para estabelecer a interação entre enunciador e enunciatário.

De teor estritamente dialético, a segunda parte da revista, de “Questionamentos e Problemas”, é composta por um artigo, no qual, Pedro Perini-Santos, a partir de material composto por determinadas citações de autores gerativistas, critica e condena as teorias racionalistas, que, ao defenderem a autonomia da linguagem, negam a sua historicidade. Tendo em mente o caráter heterogêneo e mutante das línguas e acreditando que a forma de aprendizagem da língua nativa deter-

mina o modo como os usuários a realizam, esse estudioso entende que a história constitui um componente da maior importância para a descrição lingüística.

Com um “Dossiê” destinado a prestar homenagem a um de nossos Professores dedicados ao ensino Português, Antônio de Abreu Rocha, que exerceu o magistério em instituições de nível superior como a PUC Minas e a UFMG, e em escolas ligadas às Polícias Civil e Militar de Minas Gerais – Academia de Polícia e o Colégio Estadual “Ordem e Progresso” –, a terceira parte deste número da *Scripta* compreende dois tipos de texto: um, de caráter apresentacional, em que se busca rememorar, na voz de uma das ex-alunas do Prof. Abreu, Vanda de Oliveira Bittencourt, os “feitos” lingüísticos e literários desse mineiro (que se dizia da roça), que cultuou, com tanta paixão, a “sua” língua portuguesa, durante todo o tempo em que esteve conosco; outro, em que se publica a primeira parte de seu glossário de “expressões idiomáticas”, que, do mesmo modo que outros que compôs, contém material recolhido da fala mineira, o que revela o valor que conferia ao estudo da língua oral em uso, paralelamente ao da escrita.

Finalmente, como fecho a esse número da *Scripta*, contamos com um texto-resenha elaborado por Denise Queiroz Novaes, que focaliza a obra *Língua e cidadania*; novas perspectivas para o ensino, organizada por Cláudio Cezar Henrique e Darcília Simões. Abarcando estudos realizados por autores de diferentes linhas de abordagem, essa coletânea, segundo nos mostra a resenhista, compreende não só discussões em torno de políticas lingüísticas e de sua relação com as mudanças socioculturais, como, também, indicações de caminhos metodológicos suscetíveis de levar docentes e discentes a repensar sua prática pedagógica e/ou administrativa.

Pelo que se pode constatar, o presente número demonstra o grau de maturidade alcançado pelo Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas, que, além de seus quinze anos de existência, instaurou, no ano de 2004, o Doutorado na área de Lingüística e Língua Portuguesa, que vem se ajuntar aos demais, oferecidos, há mais tempo, à nossa comunidade.

Comissão Organizadora
Maria de Lourdes Meirelles Matencio
Marco Antônio de Oliveira
Vanda de Oliveira Bittencourt